Dia 7 — São Martinho, Abade de Valparaíso

Martirológio Romano

A ditosa morte de São Marcos, papa e confessor, em Roma, na via Ardeatina. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Os santos mártires Sérgio e Baco, nobres romanos, na província chamada Augusta Eufratesia (Comagena, junto ao rio Eufrates), no tempo do imperador Maximiano; Baco foi açoitado com nervos de boi até que, despedaçado todo o seu corpo, expirou neste tormento confessando a Jesus Cristo. A Sérgio, depois de calçarem-lhe umas botas guarnecidas de pregos, como permanecesse constante na fé, mandaram por fim degolá-lo. O lugar onde está sepultado se chama de seu nome Sergiópolis (segundo o mandou o imperador Justiniano, por respeito a suas relíquias); e por motivo dos extraordinários milagres que ali se obram, é honrado com grande concurso de cristãos. (São santos titulares de uma igreja em Roma, que é título de diácono cardeal, a qual o papa Gregório III reparou e acrescentou.)

Os santos mártires Marcelo e Apuleio, em Roma; os quais primeiro foram discípulos de Simão Mago; depois, vendo as maravilhas que obrava Deus por meio do apóstolo São Pedro, abandonando seu mestre abraçaram a doutrina apostólica; e depois do martírio dos Apóstolos, no tempo do cônsul Aureliano, alcançaram a palma do martírio e foram sepultados não longe de Roma.

Santa Júlia, virgem, igualmente em Augusta Eufratesia, a qual foi martirizada no tempo do presidente Marciano. (Alguns creem que morreu juntamente com os santos Sérgio e Baco.)

Santa Justina, virgem e mártir, em Pádua; a qual, tendo sido batizada por São Prosdócimo, discípulo de São Pedro, como permanecesse constante na fé, tendo-a traspassado com uma espada por sentença do presidente Máximo, voou ao Senhor. (Fortunato a coloca entre as Santas virgens mais ilustres, cuja santidade e cujos triunfos adornaram e edificaram a Igreja. O templo que em Pádua tem erigido em honra sua, e no qual se guardam suas preciosas relíquias, é um dos modelos de arquitetura mais acabados do mundo. Esta Santa é, depois de São Marcos, padroeira de Veneza, e sua imagem se acha estampada em cunho. O Senado desta república lhe fazia uma solene procissão em tal dia como hoje, em ação de graças pela vitória de Lepanto contra os turcos, no mesmo em que se guardava sua festividade.)

Santo Augusto, presbítero e confessor, em Bourges. (Estava este Santo tão tolhido de mãos e pés que não podia trasladar-se de um lugar a outro senão arrastando-se sobre os cotovelos e os joelhos. Ao cabo de alguns anos, com o produto das esmolas que da pública compaixão havia recebido para auxiliar-se a si mesmo, fez edificar uma capela em honra de São Martinho, no povo de Brives, território de Berry, e Deus recompensou sua piedade dando movimento a seus membros paralisados. Reconhecido Augusto a tão singular benefício, resolveu desde logo passar o resto de sua vida nos exercícios de piedade, juntando-se-lhe alguns discípulos. Mais adiante Probiano, bispo de Bourges, conferiu-lhe as sagradas ordens e nomeou-o abade de São Sinforiano, situado perto daquela cidade, onde morreu pelos anos de 560.)

Santo Elano, presbítero, numa aldeia junto a Reims.

A comemoração de Santa Maria da Vitória, no mesmo dia, que o papa São Pio V mandou celebrar todos os anos pela esclarecida vitória que neste dia, pela intercessão da Mãe de Deus, alcançou a armada dos Cristãos contra os turcos. Gregório XIII ordenou pela mesma causa que se celebrasse todos os anos a solenidade do Rosário da mesma Virgem Maria no primeiro domingo deste mês. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

A Festa de Nossa Senhora da Vitória, por outro nome a Festa do Rosário

Assim como cada dia estamos recebendo novos favores e novos benefícios da santíssima Virgem, assim também tem cuidado a santa Igreja de manifestar-lhe nosso devido reconhecimento, instituindo novas solenidades, pretendendo excitar e aumentar todos os dias a terna devoção dos fiéis com festas particulares. O motivo ou a ocasião da solenidade deste dia foi um dos mais assinalados favores que recebeu a cristandade pela poderosa intercessão da Mãe de Deus, ao tempo que os turcos, orgulhosos com as grandes conquistas que faziam cada dia sobre os Cristãos, nada menos se prometiam que apoderar-se de toda a Europa e arvorar sua meia-lua sobre a cúpula da igreja de São Pedro na capital do cristianismo e do mundo.

Havia mais de um século que os turcos tinham cheia de terror toda a cristandade por uma continuada série de vitórias que lhes permitia Deus, já para castigar os pecados dos Cristãos, já para voltar a excitar em seus frios corações a meio apagada fé. No ano de 1521 apoderou-se Solimão II da praça de Belgrado; no de 1522 fez-se dono da ilha de Rodes; e pensando já unicamente em dilatar suas conquistas até onde se estendia sua ambição, entrou na Hungria no ano de 1526; ganhou a batalha de Mohács; apoderou-se de Buda, de Pest, de Gran e de algumas outras praças; penetrou até Viena da Áustria; tomou e saqueou Tauris; e por meio de seus generais rendeu com as armas outras províncias da Europa. Seu filho e sucessor Selim II conquistou a ilha

de Chipre no ano de 1571; pôs no mar a mais numerosa e a mais formidável armada que havia visto aquele monstro sobre suas costas, lisonjeando-se de fazer-se dono com ela de nada menos que de toda a Itália. Atônita uma grande parte da cristandade, considerou que dependia sua fortuna da duvidosa sorte de uma batalha. Era muito inferior a armada naval dos Cristãos à dos turcos e não podia prometer-se a vitória senão precisamente com a assistência do céu. Conseguiram-na por intercessão da santíssima Virgem, sob cuja proteção havia posto a armada o santo pontífice São Pio V. Deu-se esta memorável batalha, a mais célebre que os Cristãos haviam ganhado no mar, no dia 7 de outubro do ano de 1571.

Estavam os turcos ancorados em Lepanto quando tiveram aviso de que os Cristãos, saindo do porto de Corfu, vinham lançar-se a velas estendidas sobre eles. Tinham tão baixo conceito da armada cristã que nunca creram que tivesse atrevimento de apresentar-lhes o combate. Sabiam a ponto fixo o número de navios de que se compunha; mas ignoravam que vinham pelejar sob a proteção da santíssima Virgem, em quem, depois de Deus, tinham colocada toda a sua confiança; e por isso ficaram estranhamente surpreendidos quando foram informados de que a armada naval dos Cristãos havia ganhado já a altura da ilha de Cefalônia. Acostumados os turcos depois de tanto tempo a vencer e a derrotar os Cristãos, celebraram sua intrépida vizinhança como presságio seguro de uma completa vitória. Superiores em tropas e em navios, levantaram âncoras para fechar-lhes a passagem, com ânimo de cortá-los e de envolvê-los; de maneira que nem um só escapasse para levar a notícia de sua derrota. Mal se deixou ver a armada otomana, mandada por Hali-Paxá, quando a armada cristã, que com título de generalíssimo mandava o Sr. D. João de Áustria, irmão natural de Filipe II, rei da Espanha, juntamente com Marco Antônio Colonna, general da esquadra pontifícia, levantando um esforçado grito, invocou a intercessão da santíssima Virgem, sua soberana protetora.

Achavam-se as duas armadas à distância de doze milhas quando se deu o sinal de combater e se arvorou o estandarte que os dois comandantes haviam recebido em Nápoles da parte de Sua Santidade. Mal se descobriu a imagem de Cristo crucificado, que estava bordada no estandarte pontifício, saudou-o toda a armada com grandes gritos de alegria; e fazendo sinal à oração, todos os oficiais e todos os soldados adoraram de joelhos a imagem do Crucifixo: espetáculo verdadeiramente terno e religioso ver o oficial e o soldado armados para pelejar aos pés de Jesus Cristo, implorando sua assistência para vencer os infiéis por intercessão de sua Mãe, a santíssima Virgem, cuja imagem se venerava a bordo de todas as embarcações. Entretanto iam-se aproximando as duas armadas, favorecida do vento a esquadra turca, circunstância que dava muito corpo ao sobressalto e ao temor. Voltaram-se então com maior fervor os Cristãos à soberana Rainha, sob cujos auspícios iam combater e, mudando-se o vento de repente, começou a soprar-lhes de popa com tanta ventura que todo o fumo de sua artilharia carregava sobre a esquadra otomana; mudança que todos qualificaram de milagrosa, recebendo-a como visível prova da assistência do céu. Acharam-se a tiro de canhão as duas armadas no dia 7 de outubro e fez-se tão terrível fogo de uma e outra parte que por largo espaço de tempo ficou o ar escurecido com a densidade do fumo. Três horas havia durado já o obstinado combate com empenhado valor e com quase igual vantagem de uns e outros combatentes, quando os Cristãos, mais confiados na proteção do céu que nos esforços de seu coração e de seu braço, observaram que os turcos começavam a ceder e que se iam retirando para a costa. Redobrando então sua confiança e seu ardimento nossos generais, fizeram novo fogo sobre a capitânia turca; mataram Hali-Paxá,

abordaram sua galera e arrancaram o estandarte. Mandou a este tempo D. João de Áustria que todos gritassem vitória e já desde então, deixando de ser combate, começou a ser horrível carnificina nos infelizes turcos, que se deixavam degolar sem resistência. Trinta mil homens perderam estes naquela célebre batalha, uma das mais sangrentas para eles que jamais haviam conhecido desde a fundação do império otomano. Fizeram os Cristãos cinco mil prisioneiros, entre os quais foram dois filhos de Hali, e fizeram-se donos de cento e trinta galeras turcas; mais de outras noventa pereceram, ou dando à costa ou indo a fundo ou consumidas pelo fogo; cobraram liberdade por esta insigne vitória quase vinte mil cristãos, e na armada destes faltou tão pouca gente que todo o orbe reconheceu visivelmente a assistência do céu e aclamou o portentoso milagre. Consternou-se tanto toda a cidade de Constantinopla como se já estivesse o inimigo à porta, e os turcos davam a guardar seus tesouros aos Cristãos, suplicando-lhes que, quando se fizessem donos da cidade e do império, lhes perdoassem as vidas e os tratassem com piedade.

Teve revelação da vitória o santo pontífice Pio V no mesmo ponto em que foram derrotados os turcos; tão firmemente persuadido de que havia sido efeito da particular proteção da santíssima Virgem que instituiu esta festa com o nome de Nossa Senhora da Vitória, como o anuncia o Martirológio Romano por estes termos: «No mesmo dia, 7 de outubro, a Comemoração de Nossa Senhora da Vitória, festa que instituiu o santo papa Pio V em ação de graças pela gloriosa vitória que neste dia conseguiram os Cristãos dos turcos numa batalha naval, pela particular proteção da santíssima Virgem.»

Para empenhar mais particularmente a poderosa proteção desta Senhora em favor das armas cristãs em ocasião tão perigosa, havia-se valido o santo Pontífice da devoção do santo Rosário, tão do agrado da soberana Rainha e já então muito antiga na Igreja de Deus, e por isso mandou que a festa de Nossa Senhora da Vitória fosse ao mesmo tempo a solenidade do santíssimo Rosário. Não menos convencido o papa Gregório XIII de que a batalha de Lepanto, ganha contra os turcos, se devia a esta célebre devoção, ordenou, em reconhecimento à santíssima Virgem, que perpetuamente se celebrasse a solenidade do Rosário no primeiro domingo de outubro em todas as igrejas onde se erigisse esta devotíssima confraria.

Clemente XI, um dos pontífices que governaram a Igreja de Deus com maior zelo, com maior prudência e com maior dignidade, noticioso da vitória que as tropas do Imperador conseguiram dos turcos no dia de Nossa Senhora das Neves, 5 de agosto de 1716, perto de Salakemen, conhecida com o nome da batalha de Selim, uma das mais completas que até agora se têm ganhado contra os infiéis, pois perderam nela mais de trinta mil turcos, que ficaram estendidos no campo de batalha, sem contar os prisioneiros, toda a sua artilharia, suas tendas, suas bagagens, as provisões, a chancelaria, a caixa militar, duas caudas de cavalo, todas as suas bandeiras e estandartes; reconhecendo muito bem que esta assinalada vitória se devia à especial proteção da santíssima Virgem, mandou desde logo cantar uma missa solene em Santa Maria Maior em ação de graças por tão insigne benefício; ao qual imediatamente se seguiu outro em nada inferior ao primeiro, qual foi haver levantado o sítio de Corfu no dia da oitava da Assunção, 22 do mesmo mês e ano. Agradecido o piedosíssimo Pontífice a esta dupla proteção, depois de haver publicado uma indulgência plenária em Santa Maria da Vitória e enviados os estandartes que se tomaram aos turcos a Santa Maria Maior e a Loreto, mandou que a festa do Rosário, limitada até então às igrejas dos Padres Dominicanos e àquelas onde houvesse confraria desta advocação, no sucessivo fosse

festa solene de preceito para toda a Igreja universal no primeiro domingo de outubro; muito persuadido de que a devoção do Rosário era o meio mais eficaz e mais próprio para agradecer à santíssima Virgem os favores recebidos por sua poderosa proteção e para empenhá-la em que cada dia nos dispensasse outros novos e maiores.

É bem sabido que este método de orar se deve ao grande São Domingos, que estabeleceu esta admirável devoção em consequência de uma visão com que o favoreceu a santíssima Virgem no ano de 1208, ao mesmo tempo que estava pregando contra os erros dos Albigenses. Achava-se um dia o Santo em fervorosa oração dentro da capela de Nossa Senhora da Prouille e, aparecendo-lhe a Mãe de misericórdia, disse-lhe que, tendo sido a saudação angélica como o princípio da redenção do gênero humano, era razão que o fosse também da conversão dos heréticos e da vitória contra os infiéis; que, portanto, pregando a devoção do Rosário, que se compõe de cento e cinquenta Ave-Marias, como o Saltério de cento e cinquenta salmos, experimentaria milagrosos sucessos em seus trabalhos e uma continuada série de vitórias contra a heresia. Obedeceu São Domingos ao soberano preceito; e em lugar de deter-se, como o havia feito até então, em disputas e em controvérsias, que pelo regular são de pouco fruto, não fez daí em diante outra coisa que pregar as grandezas e as excelências da Mãe de Deus, explicando aos povos o mérito, as utilidades e o método prático do santíssimo Rosário. Logo se palpou a excelência desta admirável devoção, sendo a maior prova de sua maravilhosa eficácia a conversão de mais de cem mil heréticos e a mudança de vida de um prodigioso número de pecadores atraídos à verdadeira penitência e arrancados de seus inveterados costumes. Esta foi, falando em propriedade, a verdadeira época da devoção do santíssimo Rosário e de sua famosa confraria, tão célebre em todo o mundo cristão, autorizada por tantos Sumos Pontífices com tantos e tão singulares privilégios e considerada já como ditoso sinal de predestinação a respeito de todos os seus confrades.

Na verdade, que devoção pode haver mais grata aos olhos de Deus, nem que oração mais eficaz para merecer a proteção da santíssima Virgem? O Pai-Nosso ou a oração dominical, que nela se repete tantas vezes, no-la ensinou o mesmo Jesus Cristo; a saudação angélica, que se reza cento e cinquenta vezes, compõe-se das mesmas palavras do Anjo e das que pronunciou Santa Isabel quando a Virgem a visitou; a oração que a acompanha é oração da Igreja. Compõe-se o Rosário inteiro de quinze dezenas de Ave-Marias e de quinze Pais-Nossos. Os cinco primeiros são dos cinco mistérios gozosos; os cinco segundos, dos dolorosos, e os cinco terceiros, dos gloriosos, que foram de tanto consolo para a santíssima Virgem. Os mistérios gozosos são a Anunciação, a Visitação, o Nascimento de Cristo, a Purificação e o menino Jesus perdido e achado no templo em meio dos doutores. Os mistérios dolorosos são a oração do horto, o passo dos açoites, a coroação de espinhos, a cruz às costas e a crucifixão do Salvador no monte Calvário. Os mistérios gloriosos são a Ressurreição e aparição a sua santíssima Mãe, sua Ascensão, a Vinda do Espírito Santo, a triunfante Assunção de Maria em corpo e alma aos céus e sua coroação na glória. Pela meditação destes mistérios é o Rosário uma das mais santas orações da Igreja, em que, indo o coração de acordo com as palavras, se tributa a Deus um perfeito culto de religião; e rendendo-se a Maria o tributo que se lhe deve, ganha-se-lhe o coração e obriga-se-a a derramar sobre seus fiéis servos aquela abundância de bênçãos e aqueles tesouros de graças cuja distribuição tem a seu cargo.

Mas não se deve crer que seja coisa nova este método de repetir muitas vezes uma mesma oração; foi já muito usado de todos os Santos, assim do Novo como do Velho Testamento. Não há

coisa mais ordinária que estas repetições nos Salmos de Davi. O cântico ou salmo 135 mal é mais que uma repetição do salmo precedente com este como estribilho: «Porque sua misericórdia é eterna.» Acaso o povo repetiria este estribilho depois que os levitas pronunciavam a primeira parte do versículo; à maneira, pouco mais ou menos, que nós o fazemos nas ladainhas. O Evangelho nos adverte que Jesus Cristo repetiu muitas vezes a mesma oração ao Pai eterno no horto das Oliveiras: «Dizendo as mesmas palavras.» (Mt 26.) De São Bartolomeu refere-se que fazia oração cem vezes de dia e outras tantas de noite. Paládio e Sozomeno nos contam que Paulo, abade de Monte Fermeo, na Líbia (o qual floresceu no tempo de Santo Antão), fazia trezentas vezes ao dia uma mesma oração, levando a conta por outras tantas pedrinhas que trazia consigo para este efeito. Assegura-se que Pedro o ermitão, querendo dispor os povos para a guerra santa no ano de 1096, os exortava a rezar todos os dias certo número de Pais-Nossos, com cento e cinquenta Ave-Marias, pelo feliz sucesso de tão importante empresa, certificando-lhes que havia aprendido esta devoção dos mais santos solitários da Palestina, entre os quais era já muito antiga. O papa Leão IV quis que todos os soldados que haviam lançado das portas de Roma os sarracenos trouxessem um rosário de cinquenta Ave-Marias, atribuindo a esta oração a insigne vitória que conseguiram dos infiéis. No dia 7 de abril lemos em Surio que Santo Alberto, religioso de Crespin, fazia ao dia cento e cinquenta genuflexões, rezando a cada uma a saudação angélica; e quando se elevou da terra o corpo de Santa Gertrudes, que morreu no ano de 667, acharam-se na sepultura umas contas enfiadas que pareciam parte de rosário, com que a Santa quis que a enterrassem. Tudo isto prova quão antiga é na Igreja de Deus a devoção do Rosário; mas contudo a São Domingos devemos, não só sua ressurreição, por explicar-me desta maneira, mas o celestial método de rezá-lo e de honrar com ele a Mãe de Deus que agora se pratica; e ao fervoroso zelo de sua esclarecida família, não menos que à acesa devoção que professa à Rainha dos Anjos, se devem os maravilhosos progressos que tem feito esta importantíssima devoção.

Bem se pode assegurar que, entre todos os cultos que se tributam na Igreja à Mãe de Deus, um dos que mais a honram é a devoção do Rosário. É certo que para a santíssima Virgem não houve coisa mais gloriosa que a embaixada do Anjo quando veio anunciar-lhe que havia de ser Mãe de Deus; por conseguinte, sempre que se lhe repete esta saudação, parece que em certa maneira se exercita o emprego e a comissão do Anjo; e o que não tem dúvida é que, por dizê-lo assim, se lhe traz à memória a incomparável honra que recebeu naquela divina eleição: pelo que parece que nenhuma devoção lhe pode ser mais agradável. Ajudam-se reciprocamente a oração e a meditação, diz São Bernardo, sendo a oração como uma resplandecente tocha que comunica luz e ardor à meditação: «A oração e a meditação unem-se uma à outra, e pela oração se ilumina a meditação.» Tudo isto se acha unido no Rosário; e por isso, sem dúvida, disse o bem-aventurado Alano de Rupe que o Rosário era a mais insigne e como a rainha de todas as devoções: «Rainha de todas as orações.» (In Compl. Psalt. Mar.) Por isso mesmo se aplica com razão ao Rosário o que São João Crisóstomo diz da oração frequente e muitas vezes repetida: «A oração é a mais ampla arma, certamente um tesouro perpétuo, riquezas inesgotáveis.» Esta oração é um escudo contra todos os golpes do inimigo, um tesouro infinito, um fundo inesgotável de riquezas espirituais.

Não se pode duvidar que entre todas as orações vocais com que honra a Igreja a santíssima Virgem, uma das mais santas e das mais agradáveis a Deus é o Rosário, por compor-se das duas orações mais sagradas que há; a saber: da oração dominical e da saudação angélica, acompanhando-se ao mesmo tempo com muitas meditações sobre a vida e morte do Salvador e de

sua santíssima Mãe. Tudo é misterioso no Rosário; até o mesmo número de cento e cinquenta Ave-Marias, pelo qual se chama também o Saltério da Virgem. Os heréticos de todos os séculos, tão inimigos da Mãe como do Filho, blasfemaram muitas vezes contra esta devoção; mas particularmente os destes últimos tempos desenfrearam-se furiosamente contra o Rosário. Como esta devoção foi tão funesta aos Albigenses, precisamente havia de ser objeto do ódio e das imprecações de seus infelizes descendentes, os quais não têm omitido meio algum para desacreditá-la; mas todos os seus esforços não têm servido mais que para aumentar o número de seus confrades e de seus devotos. Nenhuma confraria da Virgem é mais célebre que esta, nenhuma mais proveitosa aos fiéis, nenhuma mais autorizada pela Igreja. Doze ou treze Pontífices lhe têm franqueado com piedosa profusão os tesouros espirituais de que são depositários: os Reis e os povos se têm apressado com ansiosa devoção a alistar-se nela. Mas que vitórias se têm conseguido contra os inimigos da fé, que reforma de costumes, que exemplar edificação não se tem visto em todos os estados desde que se estendeu no mundo esta sólida devoção? Ainda em vida de seu santo fundador e restaurador viu-a propagada com maravilhoso fruto na Espanha, na França, na Alemanha, na Polônia, na Rússia, na Moscóvia e até nas ilhas do Arquipélago. Mas muito maiores progressos fez a esforços dos herdeiros do zelo e das virtudes do grande patriarca São Domingos. O beato Alano de Rupe pregou o Rosário em todos os países setentrionais com tão feliz sucesso que florescia em todo o universo o culto e a devoção da santíssima Virgem, fundando-se em todas as cidades da cristandade a confraria do Rosário: o que obrigou o papa Sisto V a enriquecê-la ainda com maiores graças e privilégios que seus predecessores, como se vê na bula expedida no ano de 1586, tão honrosa e de uma espiritual utilidade para todos os confrades.

O título de Nossa Senhora da Vitória é mais antigo que a batalha de Lepanto. Desde a terna idade da Igreja experimentaram os Cristãos a especial proteção da santíssima Virgem contra as armas dos inimigos da fé; e por esta especial proteção começou-se a chamá-la Nossa Senhora da Vitória.

No famoso sítio de Rodes, tão gloriosamente defendido no ano de 1480 pelos cavaleiros de São João de Jerusalém, hoje cavaleiros de Malta, sendo grão-mestre o célebre Pedro d'Aubusson, contra todas as forças do império otomano, no tempo de Maomé II, terror de todo o mundo cristão; depois que os cavaleiros obrigaram os turcos a levantar o sítio, muitos desertores que se passaram ao campo dos cavaleiros, quando suas vitoriosas tropas voltavam a entrar na praça, referiram que no calor do combate os turcos haviam visto na região do ar uma cruz de ouro, rodeada de uma resplandecente luz, e ao mesmo tempo uma formosíssima Senhora, cujo traje era mais branco que a mesma neve, com uma lança na mão direita e no braço esquerdo um escudo redondo, acompanhada de um homem sério e severo, vestido de peles de camelo, seguidos ambos de uma tropa de jovens guerreiros, todos armados com espadas de fogo; visão (acrescentaram eles) que encheu de terror os infiéis, tanto que, quando se desdobrou o estandarte da religião de Malta, em que estavam pintadas as imagens da Virgem e de São João Batista, muitos turcos caíram mortos em terra sem haver recebido ferida nem golpe do inimigo. Logo que o Grão-mestre se viu inteiramente curado de suas feridas, fez voto de erigir uma suntuosa igreja com a advocação de Nossa Senhora da Vitória, em cuja magnífica obra se trabalhou imediatamente que se repararam as fortificações da praça.

Nota do tradutor.

O terno e devido amor que este professa ao célebre colégio da Companhia de Jesus de Villagarcía de Campos, onde mamou o primeiro leite da Religião, como todos os filhos da província de Castela, não lhe permite omitir que o Sr. D. João de Áustria, generalíssimo na batalha de Lepanto, foi criado naquele humilde povo, tendo-o confiado seu pai, o imperador Carlos V, à fidelidade, discrição e prudência de seu favorecido Luís Quijada, cuja mulher, não menos virtuosa que prudente, a excelentíssima senhora D. Madalena de Ulloa, fundadora do referido colégio, cuidou de sua educação com o maior desvelo. A esta senhora presenteou o senhor D. João o precioso *Lignum Crucis* engastado em ouro, que o papa São Pio V lhe apresentou depois da milagrosa batalha. A fundadora o cedeu a seu amado colégio, com a autêntica do mesmo santo Pontífice; e esta inestimável parte do sagrado lenho onde se obrou nossa redenção é a mesma que na Sexta-feira Santa se expõe à pública adoração.

Nota do editor.

Num sumário de indulgências concedidas por diferentes Sumos Pontífices à magnífica e devota capela de Maria Santíssima da Vitória, chamada do Palau da Condessa, da cidade de Barcelona, lê-se, entre outras graças e privilégios, que pelos anos de 1571 o santíssimo pontífice Pio V concedeu indulgência plenária perpetuamente a todos os fiéis Cristãos que, confessando e comungando, desde as primeiras vésperas até pôr-se o sol do dia 7 de outubro, visitassem dita capela, em memória da insigne vitória que conseguiram as armas católicas governadas por D. João de Áustria, com seu conselheiro e diretor D. Luís de Requesens, procer catalão, outro dos ilustres fundadores e donos da expressa capela, vulgarmente chamada do Palau, da qual são atualmente donos e proprietários os condes de Sobradiel, como sucessores da antiquíssima casa de Villafranca e dos Vélez, em virtude da lei de desvinculação.

E num altar da santa igreja catedral da mesma cidade há a imagem de um santo Cristo grande, de corpo natural, que se venera sob o título do Santo Cristo da Galera de D. João de Áustria, com tal disposição que está na cruz com diferente posição dos demais, pois se vê inclinado com violência de meio peito para baixo em seu lado direito, de maneira que quase estão as pernas fora da cruz; e sabe-se por tradição de uns a outros que esta imagem é o mesmo santo Cristo que, levando-o D. João de Áustria em sua galera na batalha naval de Lepanto, ao dar-se o sinal do combate mandou arvorá-lo com outras imagens de Nossa Senhora; e que, vindo uma bala inimiga a dar com o santo Cristo, milagrosamente inclinou o peito, que até hoje conserva em tão rara posição. Há concedidas muitas indulgências e privilégios aos que visitarem a capela de dito santo Cristo.

São Martinho, Abade de Valparaíso

São Martinho, decoroso ornamento da reforma de Cister, nasceu na cidade de Zamora, ou em seu território, de ilustres progenitores, como se acredita por seu apelido Cid, pelo qual uns o fazem descendente do famoso capitão Rodrigo Cid e outros desta nobilíssima família. Educado Martinho desde o berço no seio da religião católica, seguiu fielmente todas as suas piedosas máximas, regulando seus costumes com o espírito da lei santa de Deus e, ainda que os escritores nada nos dizem dos feitos de sua infância, a grande reputação que já tinha em sua juventude é um

testemunho nada equívoco da santidade de vida em que passou seus primeiros anos. Fez o mundo quanto pôde para ganhar a seu partido um jovem das circunstâncias de Martinho; mas como lhe sobrava muito entendimento para deixar-se deslumbrar das lisonjeiras esperanças com que o lisonjeava o século, abraçou o estado eclesiástico com o nobre objeto de dedicar-se ao serviço do Senhor; e tendo ascendido por seus méritos pessoais às sagradas ordens, portou-se em todas as suas funções e em todo o resto de sua conduta com tanta edificação que foi não só o ornamento, mas o exemplo de toda a clerezia.

Ainda que a conduta que observava Martinho não podia ser mais reta, como o chamava Deus a um grau eminente, estava-lhe sempre inspirando ardentíssimos desejos de vida mais retirada. Obedeceu o ilustre sacerdote aos impulsos do céu e elegeu para seu retiro uma espantosa cova perto de Paleas, povo do bispado de Zamora, onde se entregou aos excessos de seu fervor e aos rigores de uma penitência sem limites. Soube que a mesma gruta havia servido de abrigo a vários ladrões e, querendo converter a que foi morada de malfeitores em casa de edificação, ergueu nela um famoso hospital para refúgio dos pobres, a quem assistia com uma caridade suma, com alguns outros piedosos companheiros que, reunidos com o Santo, exercitavam-se a seu exemplo em obras de misericórdia.

Agradou muito a Martinho a religiosa observância do célebre mosteiro de Moreruela, que, sendo da Ordem de São Bento, abraçou a nova reforma de Cister, que havia fundado pouco antes o bem-aventurado abade de Molesme, a que São Bernardo elevou ao mais alto grau de estimação na Igreja; e aceso em vivíssimos desejos de professar um instituto que merecia tantos elogios dos homens mais eminentes, rogou ao bispo de Zamora que interpusesse sua autoridade com São Bernardo, abade de Claraval, a fim de que enviasse alguns monges a seu hospital, a estabelecer nele a reforma de Cister, oferecendo-se Martinho a abraçá-la com todos os seus ilustres companheiros; e para consegui-lo com mais facilidade, prometeu que jamais deixariam a assistência dos pobres, juntando deste modo a observância religiosa com os ofícios de caridade.

Fez o bispo de Zamora o empenho com São Bernardo e, condescendendo este com as súplicas daquele Prelado, enviou alguns monges de Claraval para que estabelecessem a nova reforma no hospital de Martinho. Era preciso nomear superior daquela ilustre comunidade e, conhecendo todos que no venerável fundador concorriam todas as qualidades que exigia o emprego, elegeram-no abade, muito contra sua vontade, posto que seus desejos não eram outros que os de santificar-se nas humilhações. Persuadido Martinho de que o superior deve sê-lo tanto nas virtudes como na dignidade, dedicou-se inteiramente a que em suas ações vissem os súditos o mesmo que persuadia com suas palavras, com cuja mira as lições que lhes dava seu fervor e seu exemplo eram mais eficazes e, sendo tão admirado pela prudência, pela discrição e pelo acerto de seu governo como por sua eminente santidade, serviu a todos de estímulo e de modelo para que aspirassem à perfeição a que eram chamados.

Espalhou-se a fama do insigne abade por toda aquela região e, edificado o rei D. Afonso VII, comumente chamado o imperador da Espanha, de ver a penitente vida de Martinho, concedeu-lhe as vilas de Cubo e de Cubeto para que erigisse um novo mosteiro em honra da santíssima Virgem, como consta de seu real privilégio do ano 1137. Com efeito o servo de Deus lavrou o mosteiro conforme à vontade do Rei, o qual se chamou de Santa Maria de Vello-fonte, tomando esta

denominação de uma fonte cristalina imediata, e também se disse de Paleas por estar junto a este povo. Governou-o Martinho por espaço de quinze anos e, ainda que não nos dizem os escritores de suas atas as ações específicas do insigne Abade em todo este tempo, todos convêm em que conduziu um grande número de pessoas religiosas à vida mais perfeita com suas zelosas exortações e com seus edificantes exemplos.

Quis Deus premiar os relevantes merecimentos de Martinho e, tendo deixado a seus filhos herdeiros de sua santa vida, a sua comunidade condecorada com suas virtudes e a toda aquela terra enriquecida com inumeráveis benefícios, morreu esclarecido em triunfos e glorioso em milagres no dia 7 de outubro do ano 1152. Depositaram os monges o corpo de seu santo pai no mesmo mosteiro de Santa Maria de Vello-fonte e, dignando-se o Senhor tornar célebre o sepulcro de seu servo com repetidos prodígios, aumentou-se consideravelmente sua devoção.

Os monges padeciam muitos trabalhos pelas grandes incomodidades que lhes causava a desigualdade do temperamento do sítio e, condoído Fernando III, rei de Castela e de Leão, não menos célebre por sua piedade que pelos gloriosos triunfos que conseguiu dos agarenos, trasladou aquela ilustre comunidade ao novo mosteiro que fez construir a suas expensas num sítio ameno, querendo que se chamasse daí em diante Val-paraíso; ou bem pelo delicioso do lugar ou bem pela vantajosa proporção que oferecia à conversação de muitos Santos, o que consta de seu real privilégio despachado em Ávila a 2 de novembro de 1232. Com este motivo trasladou-se o corpo de São Martinho com seu sepulcro do antigo depósito onde esteve oitenta anos à capela sob sua advocação do novo mosteiro, na qual se manteve em grande veneração por espaço de trezentos e oitenta e sete anos, até que se fez a última trasladação de suas veneráveis relíquias no dia 7 de outubro do ano 1619 a um magnífico tabernáculo perto do altar-mor pelo Ilmo. D. João de Zapata y Osorio, bispo de Zamora, com assistência de muitos abades, eclesiásticos, nobres e pessoas de todas as classes que concorreram à solenidade daquele ato.

São Marcos, Papa e Confessor

Por morte do sumo pontífice Silvestre, foi eleito em seu lugar e posto na cadeira de São Pedro São Marcos, natural de Roma, filho de Prisco: o qual foi dotado de grandes virtudes; e ainda que viveu com a paz que com o favor do imperador Constantino teve a Igreja, pôde ocupar-se em resistir aos heréticos arianos, que se iam multiplicando, e em ordenar tudo o que para o bom governo parecia necessário. Edificou São Marcos dois templos; um na via Ardeatina, três milhas de Roma; e outro dentro da mesma cidade e perto do Capitólio: dotou-os de muitas posses e adornou-os de vasos de ouro e prata. Concedeu ao bispo de Óstia que usasse de pálio, pelo antigo privilégio que tem de consagrar o Sumo Pontífice. Durou-lhe o pontificado, segundo São Jerônimo, oito meses. O cardeal Barônio diz que se sentou na Sé apostólica aos 14 de fevereiro e que morreu a 7 de outubro, em que a Igreja celebra sua festa, que foi no ano de 336, imperando Constantino Magno, e foi sepultado no cemitério de Balbina, na mesma igreja que na via Ardeatina ele havia edificado. E ainda que não morreu mártir, é seu culto antiquíssimo na Igreja. Acha-se memória de um templo de seu nome num dos primeiros concílios de Roma, celebrado no tempo do papa Símaco, a fins do

século V.

Santa Osita, Virgem e Mártir

Nasceu Santa Osita em Quarendon, na Inglaterra, e foi filha de Frewaldo, príncipe de Mércia, e sobrinha de Santa Edita. (Lê-se a vida desta Santa a 16 de setembro.) Casou muito jovem, não obstante sua oposição, com o rei dos estangles; mas no mesmo dia de suas bodas obteve o consentimento de seu esposo para viver em perpétua virgindade e, além disso, doou-lhe o senhorio de Chick, onde ergueu um mosteiro. Muitos anos havia governado esta casa com grande santidade quando Nosso Senhor, para dar-lhe dupla coroa de virgem e mártir, permitiu que viessem àquela parte da Inglaterra onde Osita estava os bárbaros caudilhos dinamarqueses Hinguaro e Hubba, os quais, como não pudessem lograr que a Santa negasse a Jesus Cristo, a degolaram por sua constância pelos anos de 870. Por temor aos piratas dinamarqueses foi trasladado seu corpo a Aylesbury, onde esteve por espaço de quarenta e seis anos; e passados estes foi restituído a Chick ou Chich em Essex, perto de Colchester, cujo lugar, segundo Camden, foi chamado algum tempo de Santa Osita. No mesmo foi erigida em seu nome uma famosa abadia de cônegos regulares, a qual foi famosa pelas relíquias da Santa e honrada com muitos milagres. (Butler.)

Missa (oração)

A missa é da festa do Rosário, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, cujus Unigenitus per vitam, mortem et resurrectionem suam nobis salutis æternæ præmia comparavit: concede, quæsumus, ut hæc mysteria sanctissimo Rosario beatæ Mariæ Virginis recolentes, et imitemur quod continent, et quod promittunt assequamur. Per eumdem Dominum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, cujo Unigênito, por sua vida, morte e ressurreição, nos adquiriu os prêmios da vida eterna, pedimo-vos que nos concedais que, meditando estes mistérios com o santíssimo Rosário, não só imitemos o que contêm, mas obtenhamos o que prometem. Pelo mesmo Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 24 do Eclesiástico.

Eclesiástico 24,14-16

> **Latim:** [14] Ab initio et ante sæcula creata sum, et usque ad futurum sæculum non desinam : et in habitatione sancta coram ipso ministravi. [15] Et sic in Sion firmata sum, et in civitate sanctificata similiter requievi, et in Jerusalem potestas mea. [16] Et radicavi in populo honorificato, et in parte Dei mei hæreditas illius, et in plenitudine sanctorum detentio mea.

Português: [14] Eu fui criada desde o princípio, e antes dos séculos, e não deixarei de ser em toda a sucessão das idades, e exercitei diante dêle o meu ministério na morada santa. [15] E fui assim firmada em Sião, e repousei igualmente na cidade santificada, e em Jerusalém está o meu poder. [16] E me vim a arraigar num povo honrado, e nesta porção do meu Deus que é a sua herança, e na plenitude dos santos, onde se acha a minha assistência.

Reflexões

Fui estabelecida em Sião, e meu poder se arraigou em Jerusalém. Se a santíssima Virgem teve tanto valimento com seu Filho, ainda quando vivia no mundo, que lhe fez adiantar o tempo destinado para dar princípio a seus milagres com só uma mera representação do que faltava nas bodas dos que os haviam convidado; se com uma só visita que faz a sua prima Santa Isabel consegue que o Batista seja santificado ainda antes de haver nascido, derramando com sua visita tanta abundância de bênçãos naquela santa família, creremos que seja menor seu valimento no céu, onde está seu poder estabelecido com um modo tanto mais sobressaliente? Este poder da Mãe de Deus é sem dúvida o que estremece todo o inferno: este poderoso valimento com o Salvador e aquela ternura com que olha a todos os fiéis esta divina Mãe de misericórdia é a que tanto atemoriza os inimigos de nossa salvação e a que em todos os tempos tem posto de tão mau humor contra ela todas as heresias. Nenhum século se tem passado em que não haja nascido alguma; e nenhuma houve que não inspirasse a seus sectários aquela inimizade e aquele ódio da serpente contra a Mãe dos escolhidos. Que consolo para todos os fiéis saber que têm nesta Senhora uma mãe que os ama com ternura; uma poderosa protetora que se interessa em todas as suas necessidades; uma medianeira que é seu maior consolo e, depois de Jesus Cristo, toda a sua esperança! Quantas vezes tem experimentado a Igreja seu poderoso socorro em suas maiores necessidades e sua assistência nas mais desfeitas borrascas! Ainda que os infiéis se hajam vindo a desgalhar como uma torrente sobre as mais floridas províncias da cristandade; ainda que o império otomano juntasse todas as suas forças para tragar, por dizê-lo assim, o pequeno rebanho de Jesus Cristo; basta que a Igreja recorra à Mãe de Deus e então quantas vezes se viram dissipar-se, desvanecer-se aquelas nuvens carregadas de alfanjes e de setas? Quantas, à vista desta estrela, calmaram as tempestades e sossegaram-se as ondas encrespadas? Oh, e quantos socorros merece

uma confiança verdadeiramente cristã na proteção da Mãe de Deus! Que recurso acham nela em suas necessidades todos os que singularmente se dedicam a amá-la e a obsequiá-la! Poucos sinais há mais certos de reprovação que a indevoção e a indiferença no amor à santíssima Virgem.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas.

Lucas 11,27-28

> **Latim:** 27 Factum est autem, cum hæc diceret : extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi : Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. 28 At ille dixit : Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

Português: 27 E aconteceu, que dizendo elle estas palavras: huma mulher levantando a voz do meio do povo lhe disse: Bemaventurado o ventre, que te trouxe, e os peitos a que foste criado. 28 Mas elle respondeo: Antes bem-aventurados aquelles que ouvem a palavra de Deos, e a põem por obra.

Meditação

Sobre a festa do dia

Primeiro ponto

Considera que a devoção do Rosário se instituiu singularmente para reconhecer a dignidade de Mãe de Deus e a classe superior a todas as criaturas que ocupa a santíssima Virgem, por aquelas mesmas palavras com que se anunciou pela primeira vez a divina maternidade e com que foi saudada pelo Anjo como cheia de graça. Recordamos-lhe no Rosário este singularíssimo favor, esta eminente prerrogativa, e damos-lhe os parabéns por ela. Reduz-se nele toda a nossa oração a dar um solene testemunho de nossa fé, da parte que nos toca em sua elevação e em sua ventura e da confiança que temos em sua poderosa bondade. Fazemos pública profissão de reconhecer com toda a Igreja a santíssima Virgem por verdadeira Mãe de Deus e, em virtude deste augusto título, por soberana Senhora de todo o universo, Rainha dos Anjos e dos homens, Medianeira entre os homens e Jesus Cristo, nosso supremo Medianeiro entre nós e seu eterno Pai, refúgio seguro de todos os pecadores, asilo inviolável de todos os infelizes, consolo de todos os aflitos, mãe dos predestinados, mãe de misericórdia e de graça. Se numa mesma oração repetimos tantas vezes

uma profissão tão solene, é, ó Virgem santa, para manifestar-vos nosso gozo por todas as vossas eminentes e singulares prerrogativas e por todas as vossas grandezas. Consideremos agora quanto valerá diante dos olhos de Deus uma oração de tanto interesse e tão grata à santíssima Virgem. Compreendamos a excelência do santo Rosário, a importância e as grandes utilidades desta incomparável devoção. Ela encerra em si tudo o que pode ceder em maior honra da Mãe de Deus e em maior proveito dos fiéis. Não há confraria mais santa, mais religiosa, mais importante para a salvação que a confraria do Rosário. Por isso não deve causar admiração que tantos homens grandes, tantos grandes Santos hajam sido tão zelosos em promover esta devoção; que a hajam pregado, publicado e aplaudido como seguro meio para conseguir de Deus, por intercessão da santíssima Virgem, as maiores graças e os mais assinalados favores. Por meio desta devoção desarma-se o inferno, põem-se em precipitada fuga os inimigos da salvação, burlam-se seus esforços e descompõem-se todos os seus artifícios. Em virtude de tudo isto reconhece a Igreja que deve a esta devoção a célebre vitória contra os turcos e que com muita razão se chama Nossa Senhora da Vitória a Nossa Senhora do Rosário. Com estas armas triunfa-se de toda a malignidade dos inimigos da salvação, sendo o Rosário como o broquel que recebe todos os seus golpes. Infelizes aqueles que desprezam um socorro tão poderoso e uma fonte de bens tão copiosa!

Segundo ponto

Considera que enquanto estamos nesta vida continuamente temos necessidade da intercessão da santíssima Virgem. Achando-nos combatidos de mil tentações, cercados por todas as partes de inimigos, caminhando sempre por precipícios em meio de uma noite tenebrosa, rodeados de laços e em terreno tão escorregadio, que modo haverá para sofrer tantos assaltos, para evitar tantas emboscadas, para resistir a tão terríveis inimigos que às forças acrescentam o artifício e que em tudo são tão superiores a nós? Como poderíamos escapar de tantos perigos sem o auxílio de tão poderosa protetora? E sendo assim, nunca sobrarão nossas diligências para reclamá-la. E quem poderá deixar, sem um descuido culpável, de recorrer a este asilo, sobretudo na hora da morte, naquele tempo mais crítico em que nossos inimigos redobram seus esforços e seus estratagemas e naquele momento decisivo de nossa eternidade? Naquela hora terrível em que tudo devemos temer de nossa fraqueza e, passada a qual, nada há que esperar da divina misericórdia. Ah, que naquele abandono geral de todas as criaturas, Vós só, ó Virgem Mãe de Deus, sereis meu refúgio, minha esperança e meu único recurso! Que consolo será para todos os que estão alistados nesta santa confraria o saber que naquele momento crítico e decisivo de nossa sorte tantos milhares de devotos da santíssima Virgem estão implorando por nós sua assistência, reclamam tantas vezes sua proteção e solicitam com tanto fervor sua misericórdia! Nem só na hora da morte logram os confrades do Rosário estes ofícios de caridade; desfrutam-nos também em todos os trabalhos, aflições e adversidades da vida. Não é o menor dos privilégios e utilidades desta santa confraria a união, comunhão e participação das orações e boas obras dos confrades. É prodigioso o número dos fiéis e devotos servos de Maria que cumprem com tanta pontualidade como fervor esta religiosa devoção, rezando todos os dias o Rosário da Virgem. Grande consolo para os que estão alistados nesta confraria ter parte em todas as orações de seus confrades: saber que todos os dias, todas as horas e todos os momentos está um grande número de fervorosos servos de Maria suplicando-lhe afetuosamente que nos assista agora e na hora de nossa morte: «Agora e na hora de nossa morte.» Ainda quando nós não mereçamos ser ouvidos, como pode negar-se aquela mãe

de misericórdia a ouvir os clamores de tanta piedosa multidão? Se dez justos eram bastantes para desarmar a ira de Deus tão justamente irritada contra cinco populosas cidades, por que não poderemos esperar que a santíssima Virgem ouça as orações que tantas almas santas lhe oferecem cada dia por nós, miseráveis pecadores? Ó bom Deus, e quanto perdemos em não alistar-nos em tão proveitosa confraria!

Reconheço, Virgem santa, minha secura e minha culpável indolência em não me haver dado pressa até agora para entrar num comércio tão vantajoso de orações e de boas obras com todos aqueles que tão particularmente estão dedicados a vosso serviço; ou se, tendo tido a ventura de entrar neste santo comércio, tenho sido negligente em cumprir com tão justa obrigação, pagando-vos cada dia o devido tributo de louvor e de orações. Não me negueis, Senhora, aquela proteção que franqueais aos que são fiéis em vosso serviço. Na verdade, não me atrevo eu a honrar-me com este título; mas desejoso de merecê-lo, não deixarei de opor-me aos maiores esforços de meus inimigos, confiando sempre em vossa benéfica bondade e maternal misericórdia.

Jaculatórias

Maria, mãe de graça, mãe de misericórdia, livrai-nos do inimigo agora e na hora da morte. (Hino da Igreja.)

Consegui-nos uma vida pura, franqueai-nos um caminho seguro, para que, chegando a ver a Jesus, nos alegremos por toda a eternidade. (Hino da Igreja.)

Propósitos

1. Ainda que a todos os Cristãos se lhes deve recomendar a devoção à santíssima Virgem em geral como o socorro mais poderoso para viver santamente, como o meio mais seguro para ter mais entrada com Deus e, enfim, como um dos sinais menos equívocos de predestinação, bem se pode assegurar que entre todas as devoções que o Espírito Santo inspirou aos fiéis para render a esta Senhora o culto que se lhe deve, a de rezar-lhe o Rosário com aqueles afetos que são conformes a sua instituição é uma das mais autênticas e das mais agradáveis à soberana Rainha. Em força disto, poucos homens tem havido ou recomendáveis por sua santidade ou respeitáveis por seu caráter, por sua sabedoria ou por sua dignidade que não hajam sido zelosos promotores desta solidíssima devoção. Quantos Príncipes, quantos Reis, quantos Sumos Pontífices se têm honrado com o título de confrades e de servos de Maria? Se tens tu a mesma honra, se logras a fortuna de estar alistado na confraria do Rosário, sê sumamente exato em cumprir todas as obrigações que impõe a seus indivíduos; e sobretudo em rezar indefectivelmente todos os dias ao menos uma parte dele. Mas se não entraste em dita confraria, não te prives de tão grande bem: entra nela sem dilação e experimentarás, particularmente à hora da morte, quanto te tem importado esta devoção.

2. Não desprezes exercício algum piedoso dos inumeráveis que se têm inventado para honrar e obsequiar a santíssima Virgem; pratica todos aqueles que possas e a que sintas maior inclinação. Por isso mesmo que se têm multiplicado tanto, serás menos escusável. Não se te passe dia algum sem fazer alguma oração particular à soberana Rainha. É muito devota a que fazia Santo Agostinho, e tu a poderás também fazer ou no fim do Rosário ou em qualquer outra hora do dia:

«Ó bem-aventurada Virgem Maria, quem poderá dignamente render-te as devidas graças nem os correspondentes louvores por haveres amparado o mundo perdido com aquele teu singular consentimento? Que elogios te pode tributar nossa humana fragilidade, lembrando-se de que por só teu comércio encontrou o caminho de sua reparação? Recebe, pois, benigna estas tais quais graças que te tributamos, ainda que tão curtas, ainda que tão inferiores a teus soberanos méritos; e ao mesmo tempo que admitas, por tua bondade, nossos votos, escusa com tua intercessão nossas culpas. Deposita nossas súplicas no sacrário de tua benignidade e corresponde-nos piedosa com o antídoto de nossa reconciliação. Desculpa o que não soubermos pedir e faze que seja assequível o que não nos atrevermos a suplicar-te. Recebe o que te oferecemos, concede-nos o que te pedimos e escusa o que tememos, porque tu és a única esperança dos pecadores. Por teu meio esperamos o perdão de nossas culpas; e no mesmo, ó beatíssima Virgem, funda-se a esperança de nosso prêmio. Santa Maria, socorre os miseráveis, alenta os pusilânimes, fortalece os fracos, roga pelo povo, intercede pelo clero, advoga pelo devoto sexo feminino; sintam e experimentem teu poderoso patrocínio todos os que celebram tua comemoração.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:22 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:22 by Admin